

# A ditadura no Brasil como notícia internacional e ideologia do golpe de estado na Argentina: o caso da revista *Confirmado*

Helder Gordim da Silveira\*

Palavras-chave:  
Ditadura Civil-Militar  
Argentina-Brasil  
Revista *Confirmado*

Resumo: Este artigo analisa a forma pela qual a revista argentina *Confirmado* representou a consolidação do golpe civil-militar de 1964 no Brasil enquanto notícia/acontecimento. Enfatiza-se como este discurso jornalístico, mobilizando imagens e interpretações recorrentes, possivelmente atuou como um importante componente de uma ideologia da solução autoritária frente à crise política e institucional que crescia na região desde, pelo menos, a década de 1950.

Keywords:  
Civilian-Military Dictatorship  
Argentine-Brazil  
*Confirmado* magazine

Abstract: This paper analyses the way by which the argentinian magazine *Confirmado* represented the consolidation of 1964 civilian-military *coup* in Brazil as a new/fact. It is underlined how that journalistic discourse, as mobilized recurrent images and interpretations, possibly acted as an important component of an ideology of authoritative solution face of the political and institutional crises that were growing in the region since at least the decade of 1950.

Recebido em 09 de março de 2017. Aprovado em 02 de agosto de 2017.

## Introdução

O presente artigo apresenta os resultados parciais de um projeto de pesquisa que busca examinar as formas de repercussão do golpe de Estado de 1964 no Brasil na chamada *imprensa informativa empresarial* da Argentina. Trabalha-se com a perspectiva segundo a qual as *notícias* sobre o golpe e o regime ditatorial que se implanta possam ter atuado como *ideologia* da solução autoritária para a crise política argentina que se instaura a partir da deposição de Perón, em 1955, e que tem seu ápice, no contexto, com o golpe de 1966 e a deposição do governo de Arturo Illia.

Para tanto, tem-se como pressuposto básico a consideração segundo a qual os *mass media*, particularmente a *imprensa informativa empresarial*, constituem-se em atores complexos que desempenham papel de relevância central na esfera política interna dos Estados e nas relações internacionais contemporâneas. Por meio de mecanismos, instituições, bem como estruturas técnicas e mercadológicas de difusão da *comunicação de massa* (THOMPSON, 1995, p. 287-295), circulam

mundialmente e no interior dos espaços regionais e nacionais, as formas discursivas e imagéticas que podem tornar-se hegemônicas na representação e na constituição mesma da *realidade* supostamente objetiva do *mundo* assim constituído, fundada na categoria *notícia*, basilar do discurso jornalístico, particularmente, aqui, a *notícia internacional* (ALLEYNE, 1995; FREDERICK, 1993; PIZARRO, 2008; THUSSU, 2000).

As formas de referência deste discurso sobre a esfera política e seus conflitos, nacionais e internacionais, no caso presente o golpe de 1964 e seus desdobramentos no Brasil *noticiados* na Argentina, são geralmente embasadas, implícita ou explicitamente, nos conceitos essenciais da matriz doutrinária liberal, que surge ali naturalizada (THOMPSON, 1995, p. 87-89) constituindo uma forma de *liberalismo profissional*, típico do campo.

Tem-se como perspectiva teórica, por um lado, os termos da discussão posta por Pierre Nora (1979) em texto célebre a respeito da natureza do *acontecimento* como categoria constituinte da história contemporânea e, por outro, a tradição analítica relativa ao conceito de ideologia, atualizado

\* Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) – Brasil. E-mail: [helders@puccrs.br](mailto:helders@puccrs.br).

em John Thompson (1995, p. 43-89), como forma geral de interpretação de um possível papel histórico das formas simbólicas no universo do político.

Nesse sentido, considerando a questão do *acontecimento* acima posta e a possibilidade de interpretar a construção deste no discurso jornalístico moderno como *ideologia*, é aqui seguida a posição de Muniz Sodré (2009, p. 15) quanto à centralidade da categoria *notícia* neste discurso:

O jornalismo [...] mobiliza diferentes tipos de discurso, mas a sua moderna centralidade conceitual apoia-se na notícia. E esta forma de captação e comunicação do fato é uma dessas estratégias cuja mitologia liberal-mercadológica costuma fazer esquecer os procedimentos retóricos e imaginários que presidem à construção do acontecimento.

Assim, na esteira destes fundamentos conceituais, entende-se aqui o discurso jornalístico moderno essencialmente como narrativa embasada na categoria *notícia*, a qual, mobilizando formas discursivas diversas, constitui o que no plano do espaço público pode assim se situar como *acontecimento*, dentro de certos padrões de racionalização (THOMPSON, 1995, p. 82-83) que podem tornar-se hegemônicos.

Nessa direção, Brasil e Argentina *representam-se* mutuamente como os países mais poderosos no cenário sul-americano e, eventualmente, como polos de uma disputa pela supremacia estratégica em tal espaço, ao menos até os anos 1970 (SCENNA, 1976; BANDEIRA, 1993, 2003; FAUSTO; DEVOTO, 2004; FROTA, 1991). Nessa perspectiva, constroem-se, nos círculos diplomáticos e intelectuais, na *imprensa informativa empresaria* – objeto da presente análise –, e em outras esferas de produção discursiva, representações constituintes de identificação e contraste em ambos os países, relativas a *acontecimentos* e/ou cursos de longo prazo de suas respectivas ordens socioeconômicas e políticas internas.

Especificamente na conjuntura da década de 1960, contexto aqui considerado, Brasil e Argentina atravessam os impasses condicionados pela crise dos respectivos modelos de modernização

socioeconômica oriundos das eras varguista e peronista, diante do cenário da Guerra Fria, no qual a Revolução Cubana atuava como um extraordinário catalisador de tensões (CAVLAK, 2007; RAPOPORT; LAUFER, 2000).

## Confirmado: Surgimento e Trajetória

O surgimento da revista semanal *Confirmado* dá-se em um contexto de abertura e de marcada internacionalização econômica e cultural do pós-1955, com a intervenção militar que depusera Perón, a autodenominada *Revolución Libertadora*, e que então marcava a vida nacional argentina, ou pelo menos de Buenos Aires e das províncias mais industrializadas. Sobre tal contexto, refere Miguel Angel Taroncher:

[...] durante el gobierno de Arturo Frondizi (1958-1962), Argentina no sólo transnacionalizó su economía, sino que abandonó – aceleradamente – el aislamiento que habían propiciado, como parte de su política cultural, los dos primeros gobiernos peronistas. Este proceso de apertura al exterior [...] se verificó a través de un considerable aumento en el consumo de revistas extranjeras y en un 'boom' editorial de publicaciones periodísticas. (2004, p. 146).

Na mesma direção, aponta Elena Piñero:

[...] la ruptura del aislamiento enfrentó a los argentinos con un mundo complejo y cambiante al que deseaban integrarse y dio origen a un acelerado proceso de renovación científica, técnica y cultural cuyo principal foco fué la Universidad. Especial relevancia adquirieron las profesiones vinculadas a nuevas disciplinas como administración de empresas, sociología y psicología. (2002, p. 3).

A cobertura da institucionalização da ditadura de 1964 nas páginas de *Confirmado* insere-se em um período deste contexto particularmente dramático das relações entre os campos político e jornalístico na Argentina da *democracia tutelada* pelos militares – ainda marcados pela cisão, simbolizada pelas cores de exercícios de guerra,

entre *azules*, majoritariamente legalistas e adeptos de uma solução *frentista*, que incorporasse ao sistema político depurado um “peronismo sem Perón”, e *colorados*, que defendiam uma proscrição radical do peronismo através de uma ordem ditatorial mais diretamente controlada pelo poder militar (DE RIZ, 2000, p. 30-42; GAMBINI, 2008, p. 104-106; POTASH, 1994, p. 77-99). Em tal contexto, o peronismo eleitoralmente proscrito, em suas faces política e sindical, persistia uma força ativa e organizada, em que pese as fortes divisões internas que apresentava diante do exílio ativo de seu líder maior na Espanha (LLAIRÓ, 2007; DE RIZ, 2000; GAMBINI, 2008; SPINELLI, 2003; ROMERO, 2004; DONGHI, 2000; GOLDWERT, 1972; SCIRICA, 2008). O governo de Arturo Illia, da *Unión Cívica Radical del Pueblo* (UCRDP), um dos partidos que resultara da divisão do radicalismo, originara-se em uma vitória eleitoral contestada e frágil, em 1963 (SÁNCHEZ, 1983), e no interior da crise que se abria pela deposição de Frondizi e pelo conseqüente fracasso do chamado *frentismo*, coalizão que aquele líder da *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI) tentara articular com uma fração do peronismo e parte das Forças Armadas, que se articulava sob a denominação *azules* (LLAIRÓ; SIEPE, 2003; CANTIS, 1995).

Nesse quadro, muitos autores chegam a sustentar a existência de um *golperiodismo* contra o governo de Arturo Illia (TARONCHER, 2009; POTASH, 1994, SÁNCHEZ, 1983; ULANOVSKY, 2005; DÍAZ, 2007; PANDOLFI; GIBAJA, 2008), fundado em prática abertamente conspiratória e/ou na difusão de uma forma de discurso anticomunista-antipopulista, posto como modernizador, o que teria um desfecho com o golpe de 1966 liderado por Juan Carlos Onganía. Os exemplos mais destacados nessas perspectivas de análise são as referidas revistas semanais *Primera Plana* e *Confirmado*, as duas criações de Timerman, mas igualmente se destacam a virulência dos editoriais e a oposição sistemática, contra o governo Illia, dos grandes diários, como *La Nación* e *La Prensa*, bem como o papel de colunistas desses diversos órgãos, tais

como Juan José Guiraldes, Mariano Montemayor e Mariano Grondona.

Nesse contexto crítico e de forte expansão do campo jornalístico, em 7 de maio de 1965 aparecia o primeiro número da revista *Confirmado*, sob a direção do já consagrado criador de *Primera Plana*, Jacobo Timerman, que havia deixado esta revista e seu grupo editorial em julho de 1964, sem expor os motivos profundos da decisão a seus principais colaboradores (ULANOVSKY, 2005, p. 228).

Timerman, nascido a 6 de janeiro de 1923 em Bar, uma pequena cidade da Ucrânia, chegou à Argentina em outubro de 1928. Sofrendo uma infância de privações, conseguiu concluir os estudos secundários e ingressou no curso de admissão a Engenharia, na Universidade Nacional de La Plata. Abandonou os estudos e passou a sobreviver de pequenos empregos em vários pontos da Argentina. Seu primeiro contato significativo com o jornalismo foi a participação na revista semanal *Qué*, apontada como precursora do estilo de *Primera Plana*, havendo trabalhado posteriormente em *Noticias Gráficas*. Após 1955, trabalhou em *La Razon*, *Clarín*, *El Nacional* e dirigiu *El Mundo*. Após fundar e dirigir *Primera Plana*, teve destacada atuação na imprensa argentina. Sobre Timerman, refere Miguel Angel Taroncher (1998, p. 152):

[...] dentro del periodismo argentino, Timerman, ganador del premio Pulitzer, es considerado una de sus más brillantes personalidades. Si bien participó de la extendida cultura política que consideraba a los golpes de estado como instancias de resolución de la problemática nacional, en 1976 [...] será secuestrado y torturado por la nueva dictadura militar.

Seguindo o estilo *New Journalism* de sua então já célebre criação anterior, a qual pretendia eventualmente superar no mercado jornalístico, Timerman apresentava seu novo semanário como uma “revista semanal de notícias”. Carlos Ulanovsky sublinha que “[...] en una plataforma de propósitos editoriales decía que intentaría presentar ‘sin escamoteos ni subterfugios la actualidad del mundo contemporáneo’” (2005,

p. 241). Na primeira edição, afirmava Timerman: “[...] queda así establecida la teoría actual y futura de *Confirmado*: brindar a los lectores toda la información, sin pretender influir más que con la presentación cruda – y por lo tanto apasionada – de los hechos” (apud TARONCHER, 2009, p. 174).

No que toca ao posicionamento político do periódico na arena nacional, Carlos Ulanovsky afirma: “[...] lo que nunca se olvidó de la revista fue su asociación con las posiciones que alentaron y provocaron el golpe de estado que derrocó a Illia” (2005, p. 241). O mesmo posicionamento, conforme referido, apresentava a criação anterior de Timerman, *Primera Plana*, com a qual *Confirmado* igualmente compartia o estilo fundado no *New Journalism*. Todavia, segundo atestaria posteriormente Abrasha Rotemberg, assessor econômico, colaborador e amigo de Timerman, *Confirmado* não logrou ser mais do que “un pálido reflejo de *Primera Plana*, un autoplágio en tono menor, [...] una sombra” (apud TARONCHER, 2009, p. 179). Sobre a questão, Miguel Angel Taroncher conclui que “[...] a pesar de cumplir con muchos de los requisitos que aseguraban un proyecto editorial exitoso, algo falló: el ‘aura’ de *Primera Plana* no pudo ser superado, ni siquiera alcanzado” (2009, p. 179).

Graciela Mochkofsky assim examina o alto *staff* e os principais articulistas colaboradores de *Confirmado*, os quais, segundo a autora, compunham um grupo com representantes dos três setores que, conforme sua análise, sempre projetavam o golpe de estado: a facção *azul* do exército, o referido *frentismo* frondizista e o que denomina *establishment* econômico:

[...] por el primero, estaban el ex ministro de interior de Guido, Rodolfo Martínez; el ex canciller frondizista Carlos Florit; el teniente coronel retirado Alberto Garasino, un cuadro intelectual del Ejército, autor de un libro en que defendió la presencia militar en cuestiones políticas [...]. Garasino tenía además el cargo de subdirector. El tercer nombre del staff era Félix Garzón Maceda, un cordobés con muchos amigos militares, dueño de una radio

em Córdoba. Figurava como asesor; era, en verdad, el nexo cotidiano entre el Estado Mayor del Ejército y Timerman. Los frentistas estaban representados por Mariano Montemayor, que se había ido de *Primera Plana* cuando el Frente fracasó [...]. Por último, el conservador-liberal Álvaro Alsogaray actuaba como el vocero de los grupos económicos y los intereses financieros del exterior. (apud TARONCHER, 2004, p. 397-398).

Sobre estes colaboradores de *Confirmado*, cujas colunas eram publicadas de forma bastante irregular, afirma, por seu turno, Miguel Angel Taroncher (2009, p. 170-171):

Álvaro Alsogaray, ex ministro de economía de Frondizi y Guido, criticava los lineamientos estructurales y coyunturales de la economía radical; Carlos Florit, de filiación desarrollista, ex ministro de relaciones exteriores de Arturo Frondizi, analizaba temas de política internacional; el teniente coronel Alberto Garasino informaba sobre una de las principales cuestiones de interés [...] de *Confirmado*: los temas militares, y Rodolfo Martínez, ministro del interior de Guido, informaría sobre panoramas políticos desde una perspectiva integracionista.

A partir da edição de número 26, em outubro de 1965, apareceriam de forma regular e permanente os artigos de Mariano Montemayor: “su misión será la de instigar, en forma directa, a las fuerzas armadas a derribar al presidente Illia” (TARONCHER, 2009, p. 171).

A partir desses contatos pessoais e profissionais, *Confirmado* reivindicava, frente a seus leitores, uma posição privilegiada no que se referia à divulgação de temas, documentos e notícias dos bastidores da política nacional, de difícil acesso por parte de seus concorrentes no mercado jornalístico. Igualmente se propagavam, nesse sentido, os contatos especiais com membros das elites civis e militares que articulavam o golpe contra o governo radical (TARONCHER, 2009, p. 175).

Para além destes responsáveis pela articulação mais direta com o setor político,

Timerman empregava em sua equipe técnica de redação um *staff* composto por jornalistas e escritores bastante experientes, como Alberto Rudni, Héctor Tomasini, Jorge Aráoz Badi, Osiris Chiérico, Edmundo Eichelbaum, Félix Luna, Luis Alberto Murray e Victorio Sánchez. A esses, juntava-se um grupo que Carlos Ulanovsky classifica como de uma geração intermediária: Rodolfo Pandolfi, Armando Alonso Piñeiro, Agustín Mahieu, Osvaldo Ciezar, Enriqueta Souto e Horácio Verbitsky (ULANOVSKY, 2005, p. 241). De forma geral, os salários oferecidos por Timerman eram bastante atrativos na comparação com os principais concorrentes, inclusive *Primera Plana*.

O periódico contava com correspondentes permanentes em Paris, Roma e Washington: Enrique Raab, Héctor Kuperman e Nicolás Rivero. Empregava, para suas seções de noticiário nacional, os serviços da agência *Tel Press*, bem como o material fornecido com exclusividade para a América Latina pela agência *Orbe Latinoamericana*. As coberturas fotográficas nacionais ficavam a cargo dos prestigiosos fotojornalistas Jorge Miller e Williams Fredes, sendo empregados igualmente os serviços informativos fotográficos das agências Associated Press, Inter-Prensa e United Press.

As seções fixas da revista congregavam um amplo espectro de temas relativos à atualidade nacional e internacional, à política, a costumes e instituições: *La Nación*, *El Mundo*, *Medicina*, *Religión*, *Justicia*, *Universidad*, *Arte*, *Música*, *Discos*, *Libros*, *Espetáculos*, *Televisión*, *Deportes*, *Entretelones* e *Economía*. No período em tela, a revista não chegou a superar a marca de 60.000 exemplares por edição, mas contava com algo em torno de cinco ou seis leitores por exemplar na franja de público da classe média e média alta argentina (ULANOVSKY, 2005, p. 258).

Para além da controvérsia a respeito do quanto *Confirmado* havia sido fundada com a finalidade específica de constituir o campo de apoio ao golpe contra o governo Illia, sob *encomenda* do general azul Osiris Villegas, e, a partir disso, obter seu financiamento – o que de resto seria sempre negado por Timerman – a revista contava com

espaço publicitário significativo. Por coincidência ou não, destacavam-se nesse espaço empresas petrolíferas estrangeiras e a indústria farmacêutica multinacional, ambas em confronto direto, no contexto, com a política econômica nacionalista e estatista de Illia, expressa na revisão dos contratos da *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF) com empresas estrangeiras, os quais haviam sido celebrados no governo Frondizi, bem como na chamada Lei dos Medicamentos, pela qual o governo objetivava estabelecer mecanismos de controle estatal sobre o setor (SÁNCHEZ, 1983).

## A Ditadura no Brasil como Espelho para a *Revolución Argentina*

Para o presente artigo, foram examinados todos os exemplares de *Confirmado* no período compreendido entre junho e dezembro 1966, em que se completa o primeiro semestre da autodenominada *Revolución Argentina*, ordem ditatorial implantada sob a liderança de Carlos Onganía, representando a hegemonia da fração azul do exército e do *frentismo* frondizista, conforme discutido anteriormente. Foram examinados um total de 28 exemplares, sendo o Brasil *notícia* em 6 destes, um índice de frequência (21,4%) superior, por exemplo, a qualquer outro país latino-americano no período considerado.

Geralmente, as matérias aparecem na seção especializada *El Mundo*, sempre com extensões de destaque, com, no mínimo, uma página inteira ou até quatro páginas em duas das edições examinadas, contando com fotos ilustrativas. Os textos são sempre marcados por forte teor analítico-opinativo compondo a *notícia*, o que marca o estilo da publicação, conforme já foi discutido. As agências internacionais com as quais trabalha a redação de *Confirmado* não são referidas como fontes em nenhuma das matérias sobre o Brasil, aparecendo nessa condição em várias oportunidades o diário brasileiro *Jornal do Brasil*. Com exceção de dois, os textos não são assinados, mas provavelmente trata-se de originais do correspondente no Rio de Janeiro trabalhados pela redação da revista.

A composição das *notícias* será aqui interpretada, conforme referido, a partir de seu efeito ideológico potencial, de conferir sentidos para a ordem ditatorial argentina, a qual se articula discursivamente na conjuntura ao *liberalismo profesional* do campo jornalístico. Nessa direção, percebe-se que as *notícias* sobre o Brasil são construídas a partir de dois eixos narrativos essenciais. De um lado, incorpora-se o conceito de *revolução* como elemento caracterizador do regime implantado a partir de abril de 1964, o qual aponta para a construção de uma nova ordem socioeconômica a partir de reformas postas como depurativas, estruturais e necessárias. Todavia, são destacados permanentemente os riscos e desafios de tal implantação, sobretudo pela sobrevivência e pela resistência do que é posto como a *velha política*, na qual se cola, explícita ou implicitamente, a noção de *populismo*, em uma potencial advertência ao novo regime argentino em sua complexa missão de incorporar, na nova ordem em construção, um peronismo sem Perón. De outro lado, a *revolução* brasileira é noticiada como implementadora – ou continuadora – de uma assim posta vigorosa, coerente e agressiva política externa, voltada à consolidação da liderança regional de Brasília e à industrialização completa do país vizinho, de modo a constituir e atualizar a imagem recorrente, sobretudo nas formulações discursivas do pensamento geopolítico argentino, do *perigo brasileiro*, a exigir uma resposta imediata e robusta de Buenos Aires, a qual o novo regime *revolucionário* de Onganía aparece como potencialmente apto a promover, uma vez enfrentados os desafios e as dissensões internas.

Nessa perspectiva, efetivado o golpe contra o governo Illia, o Brasil voltou a ser notícia, na seção *El Mundo* de *Confirmado*, na primeira edição de agosto de 1966 (“Brasil: Introducción al Terrorismo”, 4 de agosto de 1966, p. 29-30). O centro fático da notícia era o recente atentado contra o então candidato único às eleições presidenciais indiretas de outubro, Arthur da Costa e Silva, ocorrido no Recife e que vitimara o almirante Nelson Fernandes. A matéria ocupa uma página e meia e destaca-se

com fotos do corpo do almirante, em trajes civis, estendido na via pública da capital pernambucana e de Castelo Branco, com Costa e Silva e o Estado Maior das Forças Armadas, em Brasília.

A abertura da matéria é significativa para o contexto:

[...] *parafraseando el célebre comienzo del Manifiesto Comunista, de Marx y Engels, podría decirse: Un fantasma recorre América Latina; es el fantasma del Che Guevara. No hace mucho, un diario lo ubicó en la provincia argentina de Misiones; previamente, un imaginativo periodista italiano pretendió haberlo entrevistado en Perú. Ahora, el canciller carioca Juracy Magalhaes afirma estar informado, de fuente fidedigna, que Ernesto Guevara Lynch, con un brazo enyesado, se encuentra en la zona fronteriza entre Argentina y Brasil.* (Idem).

O texto irá, assim, compor a notícia sobre o atentado no país vizinho interpretando as variadas versões sobre ele, cada uma delas *fantasmagórica* a seu modo, assim como as notícias sobre o paradeiro de Guevara, ao mesmo tempo em que constituintes de interesses e projeções específicas no contexto brasileiro e internacional. É interessante aqui perceber como essas diferentes versões sobre o acontecimento são constituídas de modo a expressar, por um lado, uma das virtudes essenciais da *revolução* brasileira e, por outro, os perigos e desafios internos do novo regime no país vizinho, acentuados por *Confirmado*, talvez como advertência, fundada na analogia de contextos, para a *Revolución Argentina* em consolidação inicial.

A versão governamental, expressa pelo chanceler brasileiro, Juracy Magalhães, e pelo embaixador em Washington, Vasco Leitão da Cunha, fundava-se na *informação* segundo a qual o responsável pelo atentado em Pernambuco fora, em última análise, Fidel Castro e a política internacional cubana, para a qual Che Guevara seria apenas o instrumento. Para *Confirmado*, a versão era “fantasmagórica” ao ignorar o conhecido rompimento tático entre Castro e Guevara, a quem, de resto, a revista considera muito provavelmente

morto no então recente levantamento de Santo Domingo. Todavia, a versão incorporava a virtude da *revolução* no campo da política externa, ao explorar o temor, em Washington, da possível expansão do processo revolucionário esquerdista a partir de Cuba, para fortalecer a posição brasileira como líder subcontinental junto à superpotência, como sempre em ameaça à Argentina. Nessa direção, Castelo Branco, por seu turno, “[...] *aprovechó el estupor y la indignación suscitados por el acto terrorista para clausurar algunas publicaciones, cerrar el local de la Unión Nacional de Estudiantes, de clara filiação chinoísta, y detener a algunos izquierdistas demasiado veementes*” (Idem).

Alguns desses setores esquerdistas, por seu turno, segundo *Confirmado*, haviam tentado difundir a versão, não menos *fantasmagórica*, segundo a qual o responsável pelo atentado fora próprio governo, para fomentar o que consideravam paranoia anticomunista, uma das bases do regime ditatorial e fundamento doutrinário da política repressiva.

A partir daí, o jogo de versões, de fantasmas e de interesses se completa:

[...] *la oposición [no Congreso], aterrada ante lo que creyó el comienzo de una ola de atentados, insinúa ahora que las bombas de Recife no fueron colocadas ni por elementos castristas ni por personeros del gobierno, sino por un sector interesado en impedir las próximas elecciones parlamentarias que consagrarán a Costa e Silva, por el momento único candidato. Se trataría de ultras con alguna afinidad con el exaltado Carlos Lacerda, para quién la revolución fué traicionada.* (Idem)

A notícia parece assim construída para expor os riscos da *Revolução* representados pela instabilidade política real, oriunda de variadas formas de oposição: as esquerdas, o partido de oposição parlamentar, as *velhas* lideranças políticas cassadas, cada uma compondo o *fato* do atentado a partir de suas próprias perspectivas. A partir da caracterização destas, *Confirmado* compõe a sua própria visão – diferenciada a partir do apelo subjacente à objetividade jornalística – traçando,

talvez, o contraste com os riscos que o jovem regime ditatorial argentino passava a enfrentar.

Essa visão, de muitas formas negativa, acerca da política interna brasileira contrasta, conforme vimos referindo, com a imagem de sucesso representativa da política externa do país vizinho, posta na condição particular de ameaça para a Argentina. Dentro dessa linha editorial de *Confirmado* coloca-se importante matéria assinada por Dorrego (“La Presión de los Monopolios”, 25 de agosto de 1966, p. 14-15).

O tema central do artigo é a questão da industrialização argentina e os diversos opositores e obstáculos à implementação de uma política desenvolvimentista pelo novo regime *revolucionário*. O autor parece espelhar o posicionamento da revista ao defender uma retomada do desenvolvimentismo frondizista contra o agrarismo representado pelos setores liberais ortodoxos, defensores estes de uma Argentina na posição de “granja do mundo”, conforme os termos do debate clássico na arena pública do país platino. Defende-se o autor, nesse sentido, particularmente, dos que o acusariam de “ver fantasmas” ao apontar inimigos internos e externos de uma Argentina plenamente industrializada e, para tanto, discute de forma específica, em casos concretos, a atuação de cada um destes principais “inimigos”.

Em primeiro lugar, nesse sentido, coloca as grandes empresas multinacionais do petróleo, as quais teriam defendido historicamente uma política pró-importação de óleo cru para refino e distribuição, em detrimento da exploração da matéria prima depositada no subsolo argentino. Lembra do acerto da política de Frondizi, com os contratos de exploração que haviam quebrado parcialmente o monopólio da estatal YPF nesse campo, posteriormente anulados pelo governo Illia, não sem indenização às empresas contratantes, sob argumentos, equivocadamente nacionalistas, com enormes prejuízos para o erário nacional e para a estrutura econômica do país, sempre conforme o autor, o qual adverte que os monopólios e seus defensores seguiriam atuando no governo Onganía.

Outro caso concreto em que atuavam os inimigos de uma Argentina industrializada foi

o projeto de construção da usina hidrelétrica El Chocón-Cerros Colorados, na região da Patagônia, durante o governo Frondizi, o qual é sempre posto em condição exemplar. Os órgãos de financiamento internacionais haviam, na ocasião, negado um empréstimo de 300 milhões de dólares sob o argumento de que a usina seria antieconômica, em razão de sua localização geográfica, mesmo tendo a Argentina contado com o apoio político do presidente norte-americano J. Kennedy na questão. Para o autor, tratava-se de estratégia deliberada daqueles órgãos, a qual passava longe de considerações estritamente econômicas quanto ao projeto em si, o qual, uma vez implementado, permitiria a produção de aço e alumínio na região patagônica, ao invés de apenas ovelhas e trigo. Importa aqui destacar a descrição concreta de tal “estratégia deliberada”:

*[...] en el Brasil se construye cada año una nueva planta de hidroenergía. El plan brasileño prevé cinco millones de kilovatios instalados, tres veces la capacidad instalada argentina. Allí, los monopolios dan los créditos. Por qué? Acaso porque los brasileños son más industriales o mejores pagadores que los argentinos? Acaso en el Brasil hay menos inflación que en la Argentina? Nada de eso. La razón es que el Brasil es uno de los centros que la estrategia mundial de los monopolios ha escogido en América Latina para actuar de proveedor de productos industriales y maquinaria y aviones a la región. También se ha elegido a Chile y a Brasil para la petroquímica y papel, en la división latinoamericana del trabajo. (Idem).*

Exatamente o mesmo panorama se descortinaria no caso da indústria da celulose:

*[...] nosotros tenemos en el Delta, en el Nordeste y en el Sur inmensas plantaciones de árboles para la industria celulósica. Los esforzados productores del Delta se unieron, prepararon un inobjetable proyecto para la erección de una planta industrial. Lo presentaron a una institución de crédito interamericana. El crédito no há sido otorgado. En cambio, hay dinero internacional para esta industria, siempre que se implante en*

*Chile o Brasil. Nuestros árboles llegan al estado de corte en 7 años. Los de esos países necesitan 30. (Idem).*

Assim, o autor pode sustentar a existência de um plano articulado de integração regional latino-americana, apoiado por instituições financeiras internacionais, organismos como a ALALC e grandes empresas multinacionais, no interior do qual a Argentina aparecia condenada à exportação primária e à importação de bens industriais, em um falso esquema integracionista para a superação do subdesenvolvimento, o qual tenderia a favorecer ao Brasil e aos grandes monopólios industriais. Em tal esquema, como se tem visto nas páginas de *Confirmado*, a política exterior brasileira aparecia incorporada e coerente, sob a forma de um projeto para a consolidação de uma potência regional, em prejuízo fatal da posição internacional argentina.

É assim que se pode colocar a narrativa – sempre centrada em notícias como base do discurso jornalístico – na posição de uma potente racionalização projetiva e, desse modo, potencialmente legitimadora para a ordem ditatorial que se implantava na Argentina, a qual aparecia assim dotada da missão histórica de efetivar o enfrentamento dos “inimigos” internos e externos de uma verdadeira consolidação nacional, para muito além do mero anticomunismo.

Sempre nessa linha de posicionamento, a proclamação pelo Congresso de Costa e Silva como presidente eleito foi *noticiada* com destaque significativo por *Confirmado*. A matéria, ocupando mais de duas páginas inteiras da revista, com fotos de Castelo Branco, do presidente recém-eleito e de retirantes nordestinos, incluía uma entrevista exclusiva de Costa e Silva ao correspondente Antonio Torres (“Brasil. Reportaje Exclusivo a Costa e Silva”, 6 de outubro de 1966, p. 28-30).

A matéria se inicia dando conta da ausência de qualquer tipo de entusiasmo com a proclamação que dotara o país de um presidente eleito. E, prosseguindo na construção discursiva que caracterizava a situação política brasileira como altamente instável e imprevisível em um futuro próximo, expressava preocupação com o lapso de 180 dias que separava a eleição da posse, prevista, nos termos do AI2, para 15 de março do ano

seguinte: “en el tiempo político brasileño, eso lapso puede resultar azaroso para el electo; en el mejor de los casos, no lo favorece” (Idem).

Nessa direção, o quadro da fragilidade da ordem *revolucionária* brasileira, manifesta na impopularidade de Castelo Branco, tem mais uma vez suas cores reforçadas nas páginas de *Confirmado*:

*[...] la actividad opositora es intensa, y ya parece reunir a empresarios y obreros, universitarios y buena parte de la Iglesia Católica. Una inflación aparentemente incontenible desde hace más de diez años – que según testimonios opositores llegó al 100 por ciento en los dos últimos – castiga al sector laboral, cuyos salarios fueron congelados; el costo de vida aumentará hacia diciembre [...] alrededor de 50 por ciento. Obviamente los partidarios del seu Arthur desean que la transmisión del mando sea anticipada. Lo mismo quiere la oposición, con la esperanza de que algunos procesos mejoren; ciertos sectores militares se habrían hecho eco de esa aspiración.* (Idem).

Tal imagem de imprevisibilidade era ainda agravada pelas eleições parlamentares federais e estaduais, previstas para 15 de novembro, cujos resultados poderiam “[...] determinar si el carnaval de Rio de Janeiro se festeja con Costa e Silva en la presidencia efectiva” (Idem). Os resultados da eleição de novembro “[...] establecerán también si puede materializarse el ‘frente amplio’ que angustiosamente intenta organizar Carlos Lacerda” (Idem). A complexidade do cenário assim construído pela notícia tornava-se ainda maior, segundo a matéria, pelo projeto anunciado de Castelo Branco de alinhavar a promulgação de nova constituição nos dias que se seguiriam para, assim, supostamente “encerrar” o ciclo *revolucionário*, sem que se soubesse ser a possível nova Carta votada ainda pela então atual legislatura ou pela que sairia das urnas, em novembro ou, ainda, se seria resultante de outorga presidencial, sem que se excluísse a possibilidade de aprovação pelo instituto do decurso de prazo estabelecido pela ordem institucional do regime.

A notícia da eleição de Costa e Silva, dessa forma, compôs-se como uma rede de mazelas

a serem enfrentadas pela *revolução*, uma vez que essa lograsse superar seus enormes desafios políticos domésticos. Novamente, a instabilidade interna colava-se contraditoriamente a projetos de desenvolvimento, e consequente presença internacional, “enérgicos e bem traçados”, cujo sucesso futuro, embora ainda distante, colocava a Argentina em risco. Desde que – uma vez que se possa inferir tal efeito ideológico da construção da notícia – a *revolución argentina* em marcha não tratasse do futuro do país, interna e externamente, com a correspondente e necessária *energía*.

A notícia referente ao fechamento do Congresso Nacional no Brasil, em outubro, é construída de modo a oferecer uma possível leitura *otimista* no que se refere à continuidade e ao aprofundamento do processo *revolucionário* no Brasil, o qual aparecia, como se viu, ameaçado por incertezas (“Brasil: Marzo Viene Volando”, 27 de outubro de 1966, p. 36-37). O fracasso da tentativa de resistência dos parlamentares de oposição, que se retiraram das dependências do Congresso, onde haviam declarado que permaneceriam por tempo indeterminado, sob cerco militar, com ocupação das duas estações de rádio de Brasília, havendo sido cortadas as comunicações da capital com o Rio de Janeiro, constituiu a base do otimismo *revolucionário* que o texto potencialmente propõe. Caracterizando os parlamentares resistentes da oposição “consentida” como a representação de um “velho” Brasil, a notícia assim constrói o *acontecimento*:

*[...] la resistencia del viejo Brasil de los políticos profesionales a morir o, al menos, a ‘hibernarse’ por un tiempo, es todavía fuerte: el episodio del Congreso es ilustrativo. Los diputados que ocuparon sus escaños por paternalista tolerancia del presidente pretendían desempeñarse como un verdadero poder; no recordaron [...] que los reales opositores habían sido expulsados, detenidos y privados de sus derechos civiles precisamente para que ellos ocuparan su lugar. Tarde, y mal, se sintieron Congreso funcionado en normalidad y plenitud: [...] Castelo Branco les hizo recuperar la memoria:*

*todavía rige en Brasil el estatuto revolucionario.*

Dessa forma, a demonstração de força do governo *revolucionário* permitia aplacar boa parte das dúvidas quanto ao futuro imediato do processo político brasileiro, bem como, uma vez mais, afirmar um sentido fundamental da *Revolução*: para além do anticomunismo, a depuração da ordem nacional relativamente à “velha política” e a construção de um novo projeto de país, restando o fortalecimento de um capitalismo *naturalizado* na base não explícita da construção discursiva em seus possíveis efeitos ideológicos para o público leitor argentino. Nesse sentido, a matéria se conclui afirmando que Costa e Silva “[...] *há puesto el mayor énfasis en los aspectos constructivos, en la imperiosa necesidad de continuar desarrollando el árido y turbulento nordeste*”. E, reafirmando o caráter “técnico”, acima das diferenças estritamente “políticas”, da ação presente e futura da *Revolução*, projeta-se: “[...] *puede ser que en diversas esferas técnicas llame a colaborar a varios de los hoy vetados corruptos de Juscelino Kubistchek, y acaso el propio creador de Brasília; lo asombroso sería que apelara a algunos de los subversivos de Goulart*”. Assim, para aqueles que ainda desacreditassem da continuidade do processo *revolucionário* com Costa e Silva, “*marzo viene volando, con el encargo de enterrarlos*” (Idem). O mesmo valeria para a Argentina de Onganía, se o exemplo – ameaçador, do ponto de vista geopolítico – fosse seguido, pode-se inferir de uma leitura e um efeito ideológico possível na construção da *notícia*.

## Referências

- ALLEYNE, M. D. **International Power and International Communication**. London: Macmillan Press, 1995.
- BANDEIRA, M. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina**. O Continente nas Relações Argentina-Brasil (1930-1992). Brasília: Ed. UNB, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Conflito e Integração na América do Sul**. Brasil, Argentina e Estados Unidos da Tríplice Aliança ao Mercosul 1870-2003. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- CANTIS, M. S. **La Caída de los Tres Gobiernos Radicales**. Buenos Aires: Centro de Estudios Unión para la Nueva Mayoría, 1995.
- CAVLAK, I. As Relações entre Brasil e Argentina no Início da Guerra Fria. **História Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 83-111, 2007.
- DE RIZ, L. **La Política en Suspense 1966/1976**. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- DÍAZ, M. Industrias Culturales y Formas de Identificación Política. Primera Plana y su Rol en la Caída de Illia. In: LLAIRÓ, M. de M. (Comp.). **El Gobierno de Arturo Illia y la Restauración Institucional**. Las Relaciones Económicas Internacionales y la Crisis de Gobernabilidad (1963-1966). Buenos Aires: Ediciones Cooperativas, 2007. pp. 243-269.
- DONGHI, T. H. **La Democracia de Massas**. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- FAUSTO, B.; DEVOTO, F. **Brasil e Argentina**. Um Ensaio de História Comparada. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- FREDERICK, H. H. **Global Communication and International Relations**. California: Wadsworth Publishing Company, 1993.
- FROTA, L. S. de A. e. **Brasil Argentina**. Convergências e Divergências. Brasília: Senado Federal, 1991.
- GAMBINI, H. **Historia del Peronismo**. La Violencia (1955-1983). Buenos Aires: Vergara Editor, 2008.
- GOLDWERT, M. **Democracy, Militarism and Nationalism in Argentina, 1930-1966**. Austin; Londres: University of Texas Press, 1972.
- LLAIRÓ, M. de M. (Comp.). **El Gobierno de Arturo Illia y la Restauración Institucional**. Las Relaciones Económicas Internacionales y la Crisis

- de Gobernabilidad (1963-1966). Buenos Aires: Ediciones Cooperativas, 2007.
- \_\_\_\_\_.; SIEPE, R. Frondizi. **Un Nuevo Modelo de Inserción Internacional**. Buenos Aires: EUDEBA, 2003.
- NORA, P. O Retorno do Fato. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História: Novos Problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. pp. 180-196.
- PANDOLFI, R.; GIBAJA, E. **La Democracia Derrotada**. Arturo Illia y su Época. Buenos Aires: Lumiere, 2008.
- PIÑERO, E. T. Medios de Comunicación y Representación Política: el Caso de Primera Plana (1962-1966). **Temas de Historia Argentina y Americana** – UCA, Facultad de Filosofía y Letras, n. 1, pp. 1-29, nov. 2002.
- PIZARRO, A. M. **El “Mundo” de la Prensa Argentina**. Que es noticia Internacional para La Nación y Clarín. Buenos Aires: Universidad Austral, 2008.
- POTASH, R. **El Ejército y la política en la Argentina 1962-1973**, Vol. 2. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1994.
- RAPOPORT, M.; LAUFER, R. Os Estados Unidos Diante do Brasil e da Argentina: os Golpes Militares da Década de 1960. **Revista Brasileira de Política Internacional**, n. 43, pp. 69-98 2000.
- REVISTA CONFIRMADO.
- ROMERO, L. A. **Breve Historia Contemporánea de la Argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- SÁNCHEZ, P. **La Presidencia de Illia**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.
- SCENNA, M. **Argentina-Brasil Cuatro Siglos de Rivalidad**. Buenos Aires: Ed. La Bastilla, 1976.
- SCIRICA, E. Proscripción, Modernización Capitalista y Crisis. Argentina (1955-1966). In: SCALTRITTI, M. S. et al. **Historia Argentina Contemporánea**. Pasados Presentes de la política, la Economía y el Conflicto Social. Buenos Aires: Dialektik Editora, 2008. pp. 213-249.
- SODRÉ, M. A **Narração do Fato**. Notas para Uma Teoria do Acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SPINELLI, M. E. Ideas Fuerza en el Debate Político Durante los Años de la Libertadora 1955-1958. **Estudios Sociales**, n. 24, pp. 61-78, 2003.
- TARONCHER, M. A. Un Caso de Renovación Periodística en la Argentina de los Años Sesenta: La Revista Primera Plana. **Estudios Ibero-Americanos**, v. XXIV, n. 2, pp.143-167, dez. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Periodista y Prensa Semanal en el Golpe de Estado del 28 de Junio de 1966**: La Caída de Illia y la Revolución Argentina. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universitat de Valencia, 2004.
- \_\_\_\_\_. **La Caída de Illia**. La Trama Oculta del Poder Mediático. Buenos Aires: Javier Vergara Ed., 2009.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa. Petrópolis: Vozes, 1995.
- THUSSU, D. K. **International Communication: Continuity and Change**. London, New York: Oxford University Press, 2000.
- ULANOVSKY, C. **Parén las Rotativas**. Diarios, Revistas y Periodistas (1920-1969). Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.
- VILLEGAS, O. G. **Tiempo Geopolítico Argentino**. Buenos Aires: Pleamar, 1975.